

MUDANÇA LINGÜÍSTICA MULTISSISTÊMICA

Ataliba T. de CASTILHO¹ (USP, CNPq*)

RESUMO: A abordagem funcionalista sobre a gramaticalização passa nesta altura por uma crise derivada de seu hesitante ponto de vista sobre a língua, em que se combinam a abordagem clássica, que focaliza os produtos, e uma abordagem ainda pouco clara, em que se focalizam os processos. A formulação de uma teoria sobre a língua entendida como um sistema complexo e dinâmico, que trate adequadamente os processos, pode ser uma alternativa a essa crise. Encontraremos na conversação os princípios que regem esse sistema. Aceita essa proposta, será organizada uma nova agenda sobre a mudança lingüística, focada em processos e produtos lingüísticos, ordenados em quatro blocos: (i) lexicalização e léxico, (ii) semanticização e semântica, (iii) discursivização e discurso, (iv) gramaticalização e gramática.

ABSTRACT: The functionalist approach of language change undergoes a crisis derived from its weak point of view on language. Present day grammaticalization studies combines both a classical epistemology, focused on products, to a still unclear approach focused on processes. The formulation of a theory on language assumed as a complex and dynamic multissystem could help us find the way out. Pragmatic principles of conversation admittedly govern the language systems. If we take this for granted a new agenda on language change will be set up, focusing on linguistic processes and products arranged in four blocks: (i) lexicalization and lexicon, (ii) semanticization and semantics, (iii) discursivization and discourse, (iv) grammaticalization and grammar.

1. Introdução

Venho formulando há tempos esta proposta multissistêmica da língua, com base na interpretação dos achados dos pesquisadores ligados ao Projeto NURC e ao Projeto de Gramática do Português Falado: Castilho (1998 b,d, 2002, 2003 a,b, 2004 a,b,c,d, 2005). Versões anteriores deste texto se beneficiaram do criticismo construtivo de colegas como Margarida Basílio, Jânia Ramos, Sônia Bastos Borba Costa, Augusto Soares da Silva, e de vários orientandos. Naturalmente são de minha responsabilidade os erros e imprecisões remanescentes. Algumas aplicações da proposta aparecem em Castilho (1997b,d, 1998 a, b, 2000 a, 2003 a, b, 2004 b,c), Barreto (2004), Módolo (2004 a, b,c), Kewitz (2004, 2005), Simões (2006). A concepção do portal www.museudalinguaportuguesa.org tomou igualmente em conta esta proposta.

O texto está organizado em quatro seções: (i) a crise na abordagem funcionalista da gramaticalização, (ii) ciência clássica versus ciências dos sistemas complexos, (iii) língua como um conjunto complexo e dinâmico de sistemas, (iv) a gramaticalização no quadro da mudança lingüística multissistêmica.

2. Crise na abordagem funcionalista da gramaticalização

Mencionei em trabalhos anteriores que nos estudos sobre gramaticalização os pesquisadores parecem assumir a língua como uma entidade heróclita, estática, passível de uma representação linear em que as categorias são dispostas umas após as outras, de tal forma que derivações podem ser estabelecidas entre elas. Tais categorias procedem de campos tão diversos como o léxico, a semântica, o discurso e a gramática: Castilho (1997 a, 2003 a, b).

Ainda que não claramente explicitadas, os “gramaticalizadores” esposam muito provavelmente as seguintes percepções sobre a língua:

(1) *As línguas naturais são conjuntos de signos lineares e suas modificações ocorrem unidirecionalmente.*

Segundo Hopper / Traugott (1993/2003: 100), “*The basic assumption is that there is a relationship between two stages A and B, such that A occurs before B, but not vice versa. This is what is meant by unidirectionality.* Cada estágio corresponde a um ponto na língua-linha, de tal forma que uma relação de sequencialidade, e de derivação, pode ser estabelecida entre eles.

Mattos e Silva (2002) evidenciou recentemente a fonte neogramatical desta perspectiva, sendo de se lembrar que a gramaticalização foi proposta pela primeira vez na Lingüística moderna por Antoine Meillet.

¹ ataliba@uol.com.br

* Este trabalho decorre de uma bolsa de produtividade acadêmica concedida pelo CNPq (Proc. 306363/2004-6.)

Aparentemente, a teoria neogramatical sobre a língua foi mantida intacta pelos pesquisadores atuais desta área.

(2) *Os produtos lingüísticos avançam do léxico para a gramática, de tal sorte que categorias lexicais dão origem a categorias gramaticais.*

Léxico e gramática são assumidos como domínios lingüísticos distintos e básicos, admitindo-se que categorias lexicais depositadas na língua-linha dão surgimento às categorias gramaticais, que, por sua vez, originam categorias mais gramaticais, num processo mais conhecido como “*X to affix cline*”: Heine / Claudi / Hunnemeyer (1991 a).

Mas se assumirmos que o Léxico e a Gramática integram domínios diferentes, organizados cada um deles com categorias próprias (de outro modo esses domínios convergiriam para um só), como derivar categorias gramaticais de categorias lexicais? Por que não assumir que cada domínio desses tem seu ritmo próprio, funcionando sem determinações oriundas de outro domínio?

(3) *A fonética, a sintaxe, a semântica e o discurso são domínios lingüísticos conectados por derivações.*

O tratamento da gramaticalização como um epifenômeno levou os autores a localizar numa mesma perspectiva fenômenos tão distintos como a erosão fonética, a descategorização e a recategorização léxicas e morfológicas, a expansão dos usos sintáticos, o enfraquecimento semântico, sem mencionar as pressões do discurso sobre o sistema gramatical.

Assumiu-se implicitamente que o léxico, o discurso, a gramática e a semântica dispõem-se numa escala, aceitando-se, portanto, que há uma hierarquia entre esses sistemas. De acordo com esta idéia, no momento da criação lingüística nossas mentes operam através de impulsos seqüenciais, que vão de um domínio lingüístico para outro. As teorias funcionalistas disponíveis se distinguem neste particular apenas por selecionarem diferentemente o domínio que servirá como ponto de partida nessa trajetória.

Uma rápida mirada na história dos estudos sobre gramaticalização fornece as bases para a leitura acima. Eles percorreram pelo menos três fases, ao postularem que as expressões sob estudo mostravam um percurso (1) do Léxico para a Gramática, ou (2) do Discurso para a Gramática, ou ainda (3) da Semântica para a Gramática. Esses momentos da reflexão ocorreram quase simultaneamente, e nem sempre são caracterizados na literatura. Deixo de elaborar este percurso por ter já tratado disso em textos anteriores.

3. Ciência clássica versus ciências dos sistemas complexos

Esta seção tem por objetivo situar num quadro epistemológico as afirmações constantes da literatura mencionada na seção anterior. Tudo parece indicar que tem havido certa oscilação na postulação da língua como um conjunto de categorias processuais ou como um conjunto de categorias do produto.

Dois modos de fazer ciência aparecem aí representados. Sua identificação poderá abrir caminho para o entendimento das raízes da crise e para a detecção de possíveis saídas.

Vamos admitir como ponto de partida que a ciência clássica toma como seu objeto os produtos, enquanto que as ciências dos sistemas complexos tomam como objeto os processos dinâmicos que deram origem a esses processos.

3.1. Ciência clássica

As seguintes afirmações configuram a ciência clássica:

(1) *Os fenômenos encontrados na natureza são desordenados e confusos, ocultando sua regularidade.*

A tarefa da ciência é desvendar a regularidade oculta nessa desorganização aparente. As imperfeições apenas refletem os arquétipos perfeitos, como Platão queria. Uma vez identificado, o sistema revela sua harmonia, consistência e beleza intrínsecas ao fenômeno, que com isso se torna predizível. Os dados irregulares não passíveis de explicação pelos modelos propostos não têm importância, e devem ser descartados como aberrantes ou anômalos: “*In the centuries since Galileo and Newton, the search for regularity in experiment has been fundamental*”: Gleick (1988: 41; ver também pp. 68, 157).

(2) *Para assegurar alguns resultados e conclusões, temos de considerar os dados em sua estatividade.*

O objeto empírico para ser adequadamente estudado deve ser idealizado, e até mesmo congelado por intermédio de algum artifício teórico, limitado em sua extensão, não importando se com isso ele acabe se divorciando do mundo real. As formas da geometria euclidiana, por exemplo, tomam em conta dados estáticos tais como linhas, planos, esferas, triângulos e cones. Modelos lingüísticos bem difundidos “pasteurizam” seus dados, segregando-os da realidade social que lhe deram origem. Em conseqüência, as pesquisas passam a concentrar-se em determinados nichos sintáticos, pondo de lado os textos da vida lingüística real, e assim, pouco a pouco, a língua se transforma em campo para uma interminável *theoriae gratia theoria*.

(3) *Os sistemas identificados pela abordagem clássica têm uma grande elegância conceptual e uma notável simplicidade analítica.*

Segundo a ciência clássica, os sistemas identificados são lineares, e dentro deles o todo é igual às partes. A abordagem estruturalista exemplifica este axioma, quando sustenta que os fonemas, os morfemas e os sintagmas são unidades ordenadas, podendo ser identificadas relações determinísticas entre elas. Traços do fonema especificam traços dos morfemas, seguindo daqui “acima” até ao sintagma e à sentença². Relações de causa e efeito entre essas unidades podem ser reconhecidas, de acordo com a abordagem clássica.

(4) *O caminho para a descoberta científica é maiormente dedutivo. Cada situação é traduzida em termos matemáticos, um modelo é construído, e de agora em diante as ocorrências serão explicadas de acordo com esse modelo.*

A modelização matemática é uma das características mais notáveis da abordagem clássica.

Dando um balanço nas afirmações acima, torna-se evidente que a abordagem científica clássica contempla claramente os fenômenos que atingiram uma sorte de completude, como produtos cristalizados, que ocupam espaços nítidos no interior das línguas naturais. Os cientistas clássicos vêem o mundo como uma realidade em equilíbrio. As perguntas da ciência clássica não tomam em conta os fenômenos de caráter dinâmico, aqueles ainda a caminho de sua constituição. Quando aplicadas à língua falada, digamos que essas idéias não deram muito certo: Castilho (1994).

3.2. Ciências dos sistemas complexos

Para considerar os fenômenos “em andamento”, será necessário tomar outro caminho, integrando a Lingüística entre as ciências que a partir dos anos 70 passaram a debater questões tais como o movimento dos fluidos, o tempo meteorológico, as oscilações dos sistemas econômicos, o ritmo do crescimento populacional, as proteínas como sistemas em movimento, etc.³

Uma nova abordagem científica se desenvolveu para dar conta desses problemas, que passaram a ser melhor entendidos como processos criativos, não como exceções incômodas. Ela se tornou conhecida como a “ciência dos sistemas complexos”, também denominada “teoria do caos”: Gleick (1988: 43)⁴.

As ciências dos sistemas complexos representam uma revolução científica que se aplica a domínios tão variados como a Meteorologia, a Economia, a Biologia, a Física, a Antropologia, com forte apoio na Matemática e nas Ciências da Computação. Em seu conjunto, elas se propõem a ampliar os domínios e procedimentos da ciência, rejeitando a chamada “abordagem clássica”. Tanto quanto saiba, elas ainda não chegaram ao campo da Lingüística como um programa organizado de pesquisas.

As ciências dos sistemas complexos podem ser caracterizadas como um domínio interessado nos seguintes objetos, segundo se depreende das pesquisas resenhadas por Gleick (1988), Waldrop (1993) e Cilliers (2000):

² O encaminhamento do raciocínio “top down” ou “bottom up” são outras tantas manifestações da percepção da língua como uma linha.

³ A seu tempo, entidades que “não encaixavam” nos sistemas de classificação trouxeram problemas científicos, tais como o camelo para Aristóteles, o rinoceronte para Marco Polo, que o tratou como um unicórnio, e o ornitorrinco para a Biologia do séc. XVIII: Eco (1997/2000).

⁴ Na literatura consultada, os termos “caos” e “sistemas complexos” se alternam, mas aqui será dada preferência ao segundo termo.

(1) *Os componentes dos sistemas complexos exibem um tipo de ordem sem periodicidade, em fluxo contínuo, em mudança – como queria Heráclito.*

Os sistemas complexos nunca atingem a estabilidade, deslocando-se como pêndulos para lá e para cá. No domínio da Linguística, os neogramáticos tinham identificado e registrado casos de nasalização convivendo com casos de desnasalização, a palatização de braços dados com a despalatização, etc., etc. Moraes de Castilho (2005) constatou a oscilação entre a configuracionalidade e a não-configuracionalidade sintática na história de uma mesma língua.

(2) *Os sistemas não lineares, dinâmicos, exibem um comportamento irregular, imprevisível.*

Segundo Waldrop (1993: 335), nos sistemas dinâmicos “*the same material goes around and around in endless combinations*”. Ora, as línguas naturais ilustram igualmente esse comportamento, bastando tomar como exemplo uma transcrição da língua falada. Quando aplicados à oralidade, os princípios descritivos de corte clássico acabam por limitar-se a alguns restos, a algumas estruturas estáticas que não representam o tremendo dinamismo de que é feita a oralidade. Como esses eram os princípios disponíveis no momento em que tomaram vulto os estudos sobre a língua falada, não faltou quem alegasse que essa modalidade não tem sintaxe, não é um objeto científico, etc.

(3) *Os elementos dos sistemas complexos exibem relacionamentos simultâneos, não são construídos passo-a-passo, linearmente.*

A. Stuart Kaufmann, apud Waldrop (1993: 107), mostra que os genes de uma célula exemplificam essa afirmação: “*The fact that a single genome can have many stable patterns of activation might be what allows it to give rise to many different cell types during development*”.

(4) *As anomalias identificadas pela abordagem clássica exemplificam fenômenos vitais para o entendimento do problema, e não deveriam ser descartadas como aberrantes.*

A ciência deveria tentar entender tais fenômenos, em lugar de fazer previsões: Waldrop (1993: 43, citando William Brian Arthur).

(5) *Uma nova topologia do impreciso, do vago, do aproximativo, precisará ser proposta.*

A geometria euclidiana, por exemplo, não permite que entendamos a complexidade, visto que nuvens não são esferas, montanhas não são cones, e a luz não viaja numa linha reta: “*The new geometry mirrors a universe that is rough, not rounded, scabrous, not smooth. It is a geometry of the pitted, pocked and broken up, the twisted, tangled and intertwined*”. Gleick (1988: 94).

No domínio das línguas naturais, o arranjo euclidiano do espaço serve quando muito como um ponto de partida para o estudo das preposições, por exemplo, mas esse arranjo é logo alterado pelos esquemas imagéticos, pelas projeções dos espaços mentais e por outros processos cognitivos: Ilari / Castilho et alii (no prelo). Outros reflexos desta posição nos estudos linguísticos aparecem na teoria dos protótipos: Lakoff (1975, 1982). Lakoff (1975: 234) propôs o termo “hedges” para designar determinadas palavras e expressões “*whose job is to make things fuzzier or less fuzzy*”. Ele exemplifica o fato com os termos *kind of, sort of, more or less, relatively*, e outros. Em português, advérbios delimitadores tais como *tipo, mais ou menos, quase, uma espécie de*, entre outros, comprometem a prototipicidade de seu escopo: Moraes de Castilho (1991), Lima-Hernandes (2005). A topologia da vagueza vem sendo formulada pela semântica cognitiva de Talmy (2001: vol. 1, p. 31 e passim).

(6) *Os sistemas complexos são adaptáveis e auto-organizados, seus agentes ganham experiência e revêm constantemente sua atuação.*

Os sistemas complexos nunca atingem um estado de equilíbrio. O equilíbrio não tem lugar entre suas características. A atuação das economias, das mentes e dos organismos apenas antecipa como o mundo será. No campo da Linguística, essas observações tornam sem sentido afirmações do tipo “*época linguística de desenvolvimento máximo*”, “*período de decadência*”, “*melhora linguística*”, e assim por diante. Ao contrário, pesquisadores em Biologia vêm dando valor maior aos processos conhecidos como de auto-regulação. Segundo Cilliers (2000: 89), “*the main burden of the argument will be to show that internal structure can*

evolve without the intervention of an external designer or the presence of some centralized form of internal control".⁵ A propriedade de auto-regulação mostra a importância da história dos sistemas complexos. Visto que esses sistemas são continuamente transformados pelo entorno e por eles mesmos, só permanecerão os traços de sua história, distribuídos ao longo do sistema: p. 108.

(7) *A competição nos sistemas é mais importante que sua consistência.*

A consistência é uma quimera, visto que num mundo tão complicado, não há garantias de que mesmo os experimentos científicos sejam consistentes. Os testes sintáticos, por exemplo, nem sempre ajudam no conhecimento dos dados, visto que eles podem interferir no fenômeno sob análise, abrindo caminho a outras realidades.

(8) *Finalmente, ao tratar de fenômenos complexos nenhum método revelará por si mesmo o objeto por inteiro: Cilliers (2000: viii-ix, 23).*

Qual será o lugar da Lingüística neste novo campo científico? Embora até aqui os lingüistas não tenham aparecido no Instituto Santa Fé (Novo México), voltado para as ciências da complexidade, eles tinham dado início, entretanto, a pesquisas bastante assemelhadas, sejam aquelas derivadas do choque produzido nas teorias disponíveis pelos estudos da língua falada, sejam aquelas abrigadas sob o rótulo de Lingüística Cognitiva. Novas indagações foram feitas. Novos caminhos começaram a ser delineados. Na seção seguinte, desenvolvo algumas idéias sobre a percepção das línguas naturais como sistemas complexos.

4. Língua como um conjunto complexo e dinâmico de subsistemas

A percepção da língua como um conjunto complexo e dinâmico de subsistemas tem aparecido em alguns textos, que não poderei examinar aqui, limitando-me a enumerá-los: Morris (1938), Sacks-Schegloff-Jefferson (1974), Franchi (1976, 1991), Franck (1981), Sornicola (1981, 1994), Ono-Thompson (1994). No quadro do Projeto de Gramática do Português Falado devem ser lembrados os textos de Nascimento (1993), além daqueles meus mesmos, enumerados anteriormente.

Relendo esses trabalhos, são comuns argumentos tais como *interação 'estruturas sintáticas-estrutura de tomada de turnos', análise de processos em lugar de análises de produtos, complexidade, não determinismo, língua como atividade*, etc. De que afinal falam esses lingüistas? Está na hora de retornar à abordagem clássica e à abordagem complexa das ciências para encaminhar uma resposta.

Aplicados ao estudo das línguas, os dois modos de fazer ciência rapidamente caracterizados na seção anterior parecem operar em distribuição complementar: simplificando um pouco as coisas, a ciência clássica se ocupa da língua-enquanto-produto, e as ciências complexas se ocupam da língua-enquanto-processo.

A postulação da língua como um sistema dinâmico e complexo terá sua aceitação condicionada às seguintes premissas:

(1) *As línguas naturais podem ser consideradas do ângulo de sua produção ou do ângulo de seus produtos.*

A dicotomia "produção-produto", como se sabe, atravessou as idéias lingüísticas desde sempre. De novo, limito-me a lembrar Humboldt (1836 / 1990), Saussure (1917 /1972), Chomsky (1986, 1991).

(2) *Do ângulo de sua produção, as línguas serão definíveis como um conjunto de processos mentais, pré-verbais, organizáveis num multissistema.*

Os processos que organizam as línguas entendidas em seu dinamismo operam (i) simultaneamente, não sequencialmente, (ii) dinamicamente (não são entidades estáticas), (iii) multilinearmente (não são entidades unilineares).

Esses processos podem ser razoavelmente articulados e concentrados em quatro domínios: (1) lexicalização, (2), discursivização, (3) semanticização e (4) gramaticalização.

⁵ *Another example of self-organizing systems is that of language. In order to enable communications, language must have a recognizable structure. To be able to maintain its function in vastly different circumstances, the structure must be able to adjust – especially as far as meaning is concerned: Cilliers (2000: 91).*

Ainda que timidamente, vários estudos sobre a gramaticalização levantaram o véu da língua-enquanto-processo. Só falta enquadrar a gramaticalização entre os outros processos de criação lingüística, descartando sua atual abordagem epifenomênica.

(3) *Do ângulo dos produtos, as línguas serão apresentadas como um conjunto de categorias igualmente organizadas num multissistema.*

A língua-enquanto-produto é um conjunto de categorias agrupadas em quatro subsistemas: (1) Léxico, (2) Discurso, (3) Semântica (4) Gramática.

Esses subsistemas serão considerados autônomos uns em relação aos outros, ou seja, não se admitirá que um subsistema deriva de outro, nem se proporá uma hierarquia entre eles, rejeitando-se relações de determinação entre os subsistemas. Não se postulará a existência de subsistemas centrais e de subsistemas periféricos, e com isto reformulo Castilho (2003 a), em que tinha proposto o Léxico como o módulo central das línguas naturais, violando assim o princípio da indeterminação intersistêmica. Qualquer expressão lingüística exibe características lexicais, discursivas, semânticas, gramaticais.

De todo modo, seja como conjunto de processos, seja como conjunto de produtos ordenados em subsistemas, a língua continuará a depender de uma articulação que assegure a eficácia de seu uso. Proponho que essa articulação se dá pelo compartilhamento de propriedades comuns, os princípios sociocognitivos de ativação, reativação e desativação, de que tratei em textos anteriores.

Em síntese, esta proposta resume-se no seguinte:

- Quatro subsistemas organizam as línguas naturais: Léxico, Discurso, Semântica e Gramática. Eles são independentes uns de outros, nenhum deles é central, nenhum deriva de outro, sendo interligados por princípios sociocognitivos compartilhados.

- Cada subsistema é constituído por um conjunto de categorias. Cada expressão lingüística exemplifica as simultaneamente todas essas categorias.

- A cada subsistema corresponde um conjunto de processos: lexicalização, discursivização, semanticização e gramaticalização.

- Não se reconhece a possibilidade de derivar categorias lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais umas de outras, visto que elas convivem em subsistemas auto-organizados, multilineares.

5. A gramaticalização no quadro da mudança lingüística multissistêmica.

Por limitações de tempo, deixo de expor e exemplificar a agenda da Lingüística multissistêmica que venho elaborando, limitando-me ao processo da gramaticalização.

Dos quatro processos de constituição da língua, a Gramaticalização é de longe o mais estudado. Nesta proposta, a atuação da gramaticalização circunscreve-se às alterações da estrutura fonológica das palavras (fonologização), às alterações que afetam a morfologia da palavra (morfologização) e às alterações que afetam a estrutura da sentença, sua reanálise e seus arranjos sintagmáticos e funcionais (sintaticização).

A Gramática é o subsistema daí resultante, constituído pelas estruturas em processo de cristalização, dispostas em três subsistemas: a Fonologia, estudo das estruturas fônicas, a Morfologia, estudo da estrutura da palavra, e a Sintaxe, estudo das estruturas sintagmática e funcional da sentença. Para ordenar as reflexões sobre a Gramática têm sido consideradas as diferentes classes que a compõem, as relações estabelecidas entre essas classes, e as funções que elas desempenham no enunciado. São portanto seus domínios o fonema, a sílaba, o morfema, a palavra, o sintagma e a sentença.

Na exemplificação que se segue, vou concentrar a atenção nas preposições, considerando-as como predicadores que atribuem à Figura (ou termo antecedente) um traço de localização no espaço procedente de seu sentido de base. Para tal localização, as preposições tomam em conta o Ponto de Referência (ou termo conseqüente).

As preposições podem ser classificadas tomando-se em conta dois critérios não excludentes:

(1) Segundo o critério da gramaticalização, elas se dividem por duas escalas: (i) as mais gramaticalizadas, isto é, as que se amalgamam com o Artigo e outros determinantes e introduzem argumentos e adjuntos (como *por* < *com* < *a* < *em* < *de* *para*) e as (ii) menos gramaticalizadas, que não permitem esse amálgama e só introduzem adjuntos (como *contra* < *sem* < *até* < *entre* < *sobre* < *sob*).

(2) Segundo o critério semântico, elas serão ordenadas a partir de seu sentido básico em cinco eixos: horizontal, vertical, transversal, distal-proximal e continente-conteúdo.

Os dois critérios de ordenação permitem descrevê-las e históriá-las numa forma articulada, evitando-se as listagens comuns às nossas gramáticas.

O princípio de ativação das propriedades gramaticais (ou **gramaticalização** propriamente dita) desencadeia a morfonologização (=construção da sílaba e da estrutura morfológica da palavra), e a sintaticização (= construção dos sintagmas e das sentenças, via ordenação dos constituintes, concordância, organização da estrutura argumental, etc.).

A morfonologização das preposições do eixo vertical, como *ante*, exemplifica as seguintes questões: (1) Paragoge de *-s* no pronome-advérbio *antes*; ainda não se explicou satisfatoriamente de onde veio esse *[s]*, que aterrissou igualmente sobre outros advérbios. (2) Redução do grupo *ns* em outra preposição do mesmo eixo, como *trans* > *trás*.

Do ângulo da sintaticização, essas preposições introduzem argumentos selecionados pelo predicador e adjuntos. Como nos ensinam Blanche-Benveniste / Deulofeu / Stefanini / von den Eynde (1984), são argumentos os constituintes proporcionais a um pronome, e adjuntos aqueles que não dispõem dessa propriedade. No caso da preposição *ante*, verifiquei em Castilho (2003) que ela introduz argumento interno oblíquo e adjuntos adverbiais de lugar, tempo e qualidade, distanciando-se um pouco das outras preposições do mesmo eixo. Alguns exemplos:

(1) Argumento Oblíquo

a) Confessou esbarrar **diante do** compromisso não atendido.

b) Outro dia os brasileiros se inclinaram **ante** o altar da Pátria, ou seja, **ante** as urnas eleitorais.

(2) Adjunto adverbial de lugar

a) Os despachantes se incumbem **perante** as repartições públicas de quebrar seu galho.

b) A lua nasce, aqui, **por trás desse** casario, compreendeu?

(3) Adjunto adverbial de tempo

a) Nada de confusão **antes do** jantar!

b) Alguns políticos acreditam que vão se dar bem, **depois da** absolvição das urnas.

(4) Adjunto adverbial de qualidade (causa)

[D2 SP 360: 33] *é e:: mas... depois **diante das** dificuldades de conseguir quem me ajudasse... nó::s paramos no sexto filho...*

A reativação das propriedades gramaticais produz a **regramaticalização** das construções, captada na literatura por meio dos termos *poligramaticalização* e *reanálise*, entre outros.

A regramaticalização de preposições do eixo transversal explica a justaposição de mais de uma preposição, como em

(5) *atrás* < *ad+trans*, com prótese de *a-*, e *depois* (<*de+post*).

Ao mesmo tempo, fonologiza-se o conjunto, surgindo um iode por ditongação da vogal acentuada *o* quando travada por alveolar surda, como ocorre também em *arroz* > pop. *arroiz*.

A reanálise é a mudança das fronteiras entre constituintes. Esse princípio explica, entre tantos outros fenômenos, a regramaticalização do substantivo *tipo*, que deixa de ser interpretado como o núcleo de um sintagma nominal, como na representação

(6) [[[um] [tipo] [de saia]]]

passando a ser considerado como o especificador desse sintagma, como em

(6 a) [[um tipo de] [saia]]

o que abre caminho à sua discursivização como marcador discursivo, como em

(6 b) “*tipo assim, vamos tomar um café*” ?).

Reanalisa-se sintagmas e as sentenças, o que acarreta mudanças da fronteira sintática. Repetem-se as palavras, para criar a constituição sentencial, fato que examinei em Castilho (1997c). O redobramento sintático, cujas conseqüências na organização da gramática do português brasileiro foram examinadas em Moraes de Castilho (no prelo), é igualmente um caso de reativação de propriedades gramaticais.

A desativação das propriedades gramaticais (*desgramaticalização*) explica a categoria vazia, de que se encontram exemplos na Fonologia (erosão fonética, omissão do núcleo silábico, etc.), na Morfologia (morfema flexional zero) e na Sintaxe (elipse de constituintes sentenciais, ou categoria vazia). Capitula-se aqui igualmente o fenômeno da ruptura da adjacência estrita, minuciosamente estudado por Tarallo / Kato / Oliveira / Callou / Oliveira / Braga / Rocha / Berlinck (1990), Tarallo / Kato (1992), Tarallo (1993) e Silva / Tarallo / Braga (1996).

No caso das preposições, a desgramaticalização explica a progressiva substituição de *a* por *para*, de *em* por *ni*, em que a primeira delas poderá desaparecer.

6. Conclusões

Concluindo, através deste texto, submeto à discussão os seguintes tópicos:

(1) Precisamos buscar alternativas ao modo de fazer ciência dos “gramaticalizadores”. É preciso buscar respostas às perguntas que vêm sendo formuladas sobre a natureza desse processo e, sobretudo, sobre a teoria lingüística em que ele assenta.

(2) A pesquisa sobre a mudança lingüística precisará definitivamente assumir um caráter transdisciplinar, pois individualmente não poderemos desenvolver uma argumentação competente sobre o Léxico, a Semântica, o Discurso e a Gramática. Particularmente com respeito à gramaticalização, será conveniente negar a centralidade desse processo, incluindo nas pesquisas considerações sobre a lexicalização, a semanticização e a discursivização.

(3) Um dos gatilhos da mudança lingüística deve residir no dispositivo sociocognitivo apontado, vale dizer, nas estratégias conversacionais. Uma sociedade muito heterogênea cobra mais investimento nas trocas conversacionais, o que acelera a mudança, dadas as muitas adaptações que se requerem. Uma sociedade mais homogênea não tem esse requisito, o que retarda o ritmo da mudança: Castilho (1999 / 2000). Esta hipótese propõe um correlato sociolingüístico da mudança gramatical, incluindo a conversação entre os momentos decisivos da aquisição e mudança.

(4) Deve-se deixar de lado o tratamento derivativo, linear que alguns autores estabeleceram entre Léxico, Discurso, Semântica e Gramática. Compreenderemos melhor as eventuais relações entre esses sistemas se postularmos que elas são indeterminadas, pancrônicas, multirecionais.

(5) A casuística que toma em conta esta proposta precisa ser aumentada, para que se identifiquem num segundo momento os correlatos entre os subsistemas.

7. Referências bibliográficas

BYBEE, Joan / PERKINS, Revere / PAGLIUCA, William (1994). *The Evolution of Grammar*. Tense, Aspect and Modality in the Languages of the World. Chicago and London: The University of Chicago Press.

CAMPBELL, Lyle / JANDA, Richard (2001). Introduction: conceptions of grammaticalization and their problems. *Language Sciences* 23, 93-112.

CARVALHO, Edgard de Assis / MENDONÇA, Terezinha (Orgs. 2004). *Ensaio de Complexidade 2*. Porto Alegre: Editora Sulina.

CASTILHO, Ataliba T. de (Org. 1989). *Português Culto Falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp.

CASTILHO, Ataliba T. de (1989). Para o estudo das unidades discursivas do português falado. Em: A.T. de Castilho (Org. 1989, pp. 249-280).

CASTILHO, Ataliba T. de (1994). Problemas de Descrição da Língua Falada. *D.E.L.T.A.* 10 (1): 47-71.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (1989). Para o Estudo das Unidades Discursivas no Português Falado. Em: A. T. de Castilho (Org. 1989: 249-280).

- CASTILHO, Ataliba T. de (1997a). A Gramaticalização. *Estudos Lingüísticos e Literários* [UFBA] 19: março de 1997, 25-63.
- CASTILHO, Ataliba T. de (1997b). Língua falada e gramaticalização. *Filologia e Lingüística Portuguesa* 1: 107-120.
- CASTILHO, Ataliba T. de (1997c). Para uma sintaxe da repetição. Língua falada e gramaticalização. *Língua e Literatura* 22: 293-332. Versão preliminar: A repetição como processo constitutivo da gramática do português falado. Em: *Actas del XI Congreso de la Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina*. Las Palmas: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, tomo III, pp. 2289-2298.
- CASTILHO, Ataliba T. de (1998 a). *Aspectos teóricos de la descripción de la lengua hablada*. Em: Mario Bernales Lillo y Constantino Contreras Oyarzún (Orgs. 1998) *Por los caminos del lenguaje*, Temuco: Ediciones Universidad de la Frontera, pp. 23-37.
- CASTILHO, Ataliba T. de (1998b / 2004). *A Língua Falada no Ensino do Português*. São Paulo: Contexto; 6ª. ed., 2004.
- CASTILHO, Ataliba T. de (1999-2000). Para a história do Português de São Paulo. *Revista Portuguesa de Filologia* XXIII, 29-70.
- CASTILHO, Ataliba T. de (2000 a). O modalizador ‘realmente’ no português falado. *Alfa* 44: 2000, 147-170 (Miscelânea de Estudos Dedicados a a Francisco da Silva Borba).
- CASTILHO, Ataliba T. de (2001 b). Notas sobre a gramaticalização de *vez*. Em: Clarinda Maia (Org. 2001). *Miscelânea de Estudos em Homenagem ao Prof. Dr. José Gonçalo Herculano de Carvalho*. Coimbra, Universidade de Coimbra, no prelo.
- CASTILHO, Ataliba T. de (2002, em andamento). *Introdução à Linguística Cognitiva*.
- CASTILHO, Ataliba T. de (2002 a). Lingüística cognitiva e tradição funcionalista. *Estudos Lingüísticos* 32: 2002, 1-8.
- CASTILHO, Ataliba T. (2002 b / 2005). Diacronia dos adjuntos adverbiais preposicionados no português brasileiro. Em: G. Massini-Cagliari / C.A.A. Murakawa / R. A. Berlinck / M. Guedes (Orgs. 2005). *Estudos de Linguística Histórica do Português*. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora / Laboratório Editorial FCL, pp. 73-110.
- CASTILHO, Ataliba T. de / VIARO, Mário Eduardo et al. (2002). Gramaticalização de algumas preposições no português brasileiro do séc. XIX, comunicação apresentada ao *V Seminário do Projeto para a História do Português Brasileiro*. Ouro Preto, outubro de 2002.
- CASTILHO, Ataliba T. (2003 a). Análise multissistêmica das preposições do eixo transversal no Português Brasileiro. Em: www.fflch.usp.br/dlcv/lport e www.mundoalfal.org/comissaodehistoriadoportugues.
- CASTILHO, Ataliba T. (2003b). Proposta funcionalista de mudança linguística. Os processos de lexicalização, semanticização, discursivização na constituição das línguas. Em: www.fflch.usp.br/dlcv/lport. Aguardando edição tipográfica em Tânia Lobo (Org.) *Para a História do Português Brasileiro*, vol. VI, no prelo.
- CASTILHO, Ataliba T. (Org. 2003c). *Historiando o Português Brasileiro*. Em: www.mundoalfal.org/comissaodehistoriadoportugues.
- CASTILHO, Ataliba T. / RAMOS, Jânia (2003). Perspectivas sobre a gramaticalização no Projeto para a história do Português Brasileiro. Em: A. T. Castilho (Org. 2003 b, Cap. I).
- CASTILHO, Ataliba T. (2004 a). Unidirectionality or multidirectionality? Some issues on grammaticalization. *Revista do GEL* 01: 35-48, 2004.
- CASTILHO, Ataliba T. (2004 b). Diacronia das preposições do eixo transversal no Português Brasileiro. Em: Lígia Negri et alii (Org. 2004). *Sentido e Significação. Em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, pp. 11-47.
- CASTILHO, Ataliba T. (2004 c). Reflexões sobre a teoria da gramaticalização. Contribuição ao debate sobre a teoria da gramaticalização no contexto do PHPB. Em: Wolf Dietrich / Volker Noll (Orgs. 2004). *O Português do Brasil. Perspectivas da pesquisa atual*. Madrid / Frankfurt: Iberoamericana / Vervuert, pp. 203-230.

- CASTILHO, Ataliba T. (2004 d). O problema da gramaticalização das preposições no Projeto Para a História do Português Brasileiro. *Estudos Lingüísticos* 33 (2004), cd-rom.
- CASTILHO, Ataliba T. (2005 em andamento). *Funcionalismo, cognitivismo e mudança linguística*.
- CHOMSKY, Noam (1986). *Knowledge of Language. Its nature, origin and use*. New York: Praeger.
- CILLIERS, Paul (2000). *Complexity & Postmodernism. Understanding complex systems*. London and New York: Routledge.
- CRYSTAL, David (2000). *Language Death*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ECO, Umberto (1997 / 2000). *Kant and the Platypus. Essais on language and cognition*. New York: Harcourt Brance & Company, tradução para o inglês.
- FARACO, Carlos Alberto (1991 / 2005). *Lingüística histórica. Uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Ática; 2ª edição revista e ampliada: São Paulo: Parábola, 2005.
- FÁVERO, Leonor L. / ANDRADE, Maria Lúcia Vitorio de / AQUINO, Zilda G. (2006). Correção. Em C.C.S. Jubran / I.G.V. Koch (Orgs. 2006: 255-274).
- FAUCONNIER, Gilles / TURNER, Mark (2002). *The Way we Think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books.
- FRANCHI, Carlos (1976). *Hipóteses para uma Teoria Funcional da Linguagem*. Campinas: Unicamp, Tese de Doutorado, 2 vols., inédito.
- FRANCK, Dorothea (1981/1988). Sentenças em turnos conversacionais: um caso de 'double bind' sintático. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 11: 9-20. Versão em inglês: Sentences in conversational turns: a case of 'double bind'. Em: M. Dascal (Ed. 1988). *Dialogue*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 233-245).
- GARDNER, H. (1985/1995). *A Nova Ciência da Mente*. São Paulo: Edusp, trad. de Cláudia M. Caon.
- GIVÓN, Talmy (1979). *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press.
- GLEICK, James (1988). *Chaos. Making a new science*. New York: Penguin Books.
- GRICE, H. P. (1967 / 1982). Lógica e conversação. Em M. Dascal (Org. 1982: 81-103). Nova versão: Logic and conversation. Em: P. Cole, J. L. Morgan (eds.) *Syntax and semantics*, v. 3. New York: Academic Press, p. 41-58.
- HEINE, Bernd / CLAUDI, U. / HÜNNEMEYER, F. (1991 a). *Grammaticalization. A conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press.
- HEINE, Bernd / CLAUDI, Ulrike / HÜNNEMEYER, Friederike (1991b). From Cognition to Grammar-Evidence from African languages. Em: Traugott/Heine (Orgs. Vol. I, 1991, 149-188).
- HOPPER, Paul J. / TRAUGOTT, Elizabeth Closs (1993/2003). *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, second edition.
- HUMBOLDT, Wilhelm von (1836 / 1990). *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobr el desarrollo espiritual de la Humanidad*. Tradução de Ana Agud. Barcelona / Madrid: Anthropos / Ministerio de Educación y Ciencia.
- ILARI, Rodolfo / CASTILHO, Ataliba et alii (no prelo). A Preposição. Em Maria Helena Moura Neves (Org., no prelo). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*, vol. III, Classes de Palavras e construções. Campinas: Editora da Unicamp.
- JUBRAN, Clélia Cândida A. Spinardi (1993). Inserção: um fenômeno de descontinuidade na organização tópica. Em: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do Português Falado*, vol. III, As abordagens. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: FAPESP.

- JUBRAN, Clélia Cândida A. Spinardi. (1996a). Para uma descrição textual-interativa da parentetização. Em: KATO, Mary A. (Org.). *Gramática do Português Falado*, vol. V, Convergências. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: FAPESP.
- JUBRAN, Clélia Cândida A. Spinardi. (1996b). Parênteses: propriedades identificadoras. Em: CASTILHO, Ataliba Teixeira de / BASÍLIO, Margarida (Orgs.). *Gramática do Português Falado*, vol. IV, Estudos Descritivos. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: FAPESP.
- JUBRAN, Clélia Cândida A. Spinardi. (1999). Funções textuais-interativas dos parênteses. Em: NEVES, Maria Helena Moura (Org.). *Gramática do Português Falado*, vol. VII, Novos Estudos. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP; Campinas: Editora da UNICAMP.
- JUBRAN, Clélia Cândida Spinardi / KOCH, Ingedore G. V. (Orgs. 2006). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*, vol. I, Construção do texto. Campinas: Editora da Unicamp.
- JUBRAN, Clélia Cândida Spinardi (2006 a). Tópico Discursivo. Em C.C.S. Jubran / I.G.V. Koch (Orgs. 2006: 89-132).
- JUBRAN, Clélia Cândida Spinardi (2006b). Parentetização. Em C.C.S. Jubran / I.G.V. Koch (Orgs. 2006: 301-358).
- KATO, Mary A. (Org. 1996). *Gramática do Português Falado*, vol. V. Campinas: Fapesp/Editora da Unicamp.
- KATO, Mary A. (1996). Apresentação. Em M. A. Kato (Org. 1996).
- KATO, Mary A. (1996). Da autonomia teórico-metodológica na pesquisa para uma desejada convergência na concepção do produto. Em: M. Kato (Org. 1996, pp. 9-32).
- KATO, Mary (1998). Formas de funcionalismo na sintaxe. *D.E.L.T.A.* 14 (número especial): 145-168).
- KEWITZ, Verena (2004). Para a gramaticalização das preposições 'a' e 'para' no Português Brasileiro. Comunicação apresentada ao VI Seminário do PHPB, Salvador Ba.
- KEWITZ, Verena (2005). *As preposições a e para no Português Brasileiro*. São Paulo: Universidade de São Paulo, tese de doutorado, em andamento.
- KOCH, Ingedore Grunfeld V. (Org. 1996). *Gramática do Português Falado*, vol. VI. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp.
- KOCH, Ingedore Grunfeld V. (2006). Tematização e rematização. Em C.C.S. Jubran / I.G.V. Koch (Orgs. 2006: 359-380).
- LAKOFF, George (1987). *Women, Fire and Dangerous Things*. What categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press.
- LIGHTFOOT, David (1979). *Principles of diachronic syntax*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LIGHTFOOT, David (1999). *The Development of Language. Acquisition, change and evolution*. Malden / Oxford: Blackwell Publishers.
- LIGHTFOOT, David (2006). *How new languages emerge*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LIMA-HERNANDES, Maria Célia (1998). *Gramaticalização de combinação de cláusulas: orações de tempo no Português do Brasil*. São Paulo: FFLCH-USP, Dissertação de Mestrado.
- LIMA-HERNANDES, Maria Célia (2000). Orações adverbiais temporais conectivas no português popular de São Paulo. Em: E. Gartner / C. Hundt / A. Schonberger (Eds., 2000: 125-135).
- LIMA-HERNANDES, Maria Célia (2005). *A Interface Sociolinguística / Gramaticalização: estratificação de usos de tipo, feito, igual e como sincronia e diacronia*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas: Tese de doutoramento.
- LIMA-HERNANDES, Maria Célia / GALVÃO, Vânia Casseb. (2005). Polaridade no encaixamento. Em: R. Kemmler / B. Shaefer-Priess / A. Schonberger (Eds. 2005). *Portugiesische Sprachgeschichtsschreibung*. Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio (1983). *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática.

- MARCUSCHI, Luiz Antonio (1992). *A Repetição na Língua Falada. Formas e Funções*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Tese para concurso de Professor Titular.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. (1996). A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. Em: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Org.) *Gramática do Português Falado*, vol. VI, Desenvolvimentos. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: FAPESP.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio (2006 a). Hesitação. Em C.C.S. Jubran / I.G.V. Koch (Orgs. 2006: 48-70).
- MARCUSCHI, Luiz Antônio (2006b). Repetição. Em C.C.S. Jubran / I.G.V. Koch (Orgs. 2006: 219-254).
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia Rosa (Org. 2001). *Para a História do Português Brasileiro*, vol. II, Primeiros estudos, 2 tomos. São Paulo: Humanitas / Fapesp.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2002). Estudos de gramaticalização na Bahia. Comunicação apresentada à Mesa-redonda sobre gramaticalização, GT de Sociolinguística / XVII Encontro da ANPOLL, Gramado, 2002.
- MÓDOLO, Marcelo (2004 a). *Gramaticalização e semanticização das orações correlativas no português*. São Paulo: FFLCH / USP, tese de doutoramento inédita.
- MÓDOLO, Marcelo (2004 b). A gramaticalização da preposição 'de' na formação dos advérbios modalizadores delimitadores 'mais de', 'menos de', 'antes de'. *Estudos Lingüísticos* 33: 2004, cd-rom.
- MÓDOLO, Marcelo (2004 c). A gramaticalização da conjunção correlativa 'quer...quer'. Comunicação ao VI Seminário do PHPB, Salvador Ba.
- MORAES DE CASTILHO, Célia Maria (2004 a). Diacronia do dequeísmo: o clítico locativo medieval *en* e o dequeísmo nas orações relativas. *Linguística* 15/16 (2003/2004), 123-160.
- MORAES DE CASTILHO, Célia Maria (2004 b). Locativos, fóricos, articuladores discursivos e conjunções no Português Medieval. Gramaticalização de *ende/en* e *porende/porém*. *Filologia e Linguística Portuguesa* 6: 2004, 53-100.
- MORAES DE CASTILHO, Célia Maria (2005). *O Processo de redobramento sintático no português medieval. A formação das perífrases com estar*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, tese de doutoramento.
- NARO, Anthony J. / BRAGA, Maria Luíza (2000). A interface sociolinguística/ gramaticalização. *Gragoatá* 9, 125-134.
- NASCIMENTO, Milton (1993). Gramática do Português Falado: articulação teórica. Ms. inédito apresentado ao Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- NEVES, Maria Helena Moura (1997). *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes.
- NEVES, Maria Helena de Moura (Org. 1999). *Gramática do Português Falado*, vol. VII. São Paulo / Campinas: Humanitas / Editora da Unicamp.
- ONO, Tsuyoshi and THOMPSON, Sandra A. (1994). What Conversation can tell us about Syntax? Em: Philip W. Davis (Ed. 1994). *Descriptive and Theoretical Modes in the Alternative Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins.
- RISSO, Mercedes Sanfelice (1993). "Agora ... o que eu acho é o seguinte": um aspecto da articulação do discurso no português culto falado. Em: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do Português Falado*, vol. III, As Abordagens. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: FAPESP.
- RISSO, Mercedes Sanfelice. (1995). A dimensão interacional na construção do texto falado: os marcadores. *Letras e Letras*, Uberlândia, 11(1).
- RISSO, Mercedes Sanfelice. (1996). O articulador discursivo "então". Em: CASTILHO, Ataliba Teixeira de / BASÍLIO, Margarida (Orgs.). *Gramática do Português Falado*, vol. IV, Estudos Descritivos. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: FAPESP.

- RISSO, Mercedes Sanfelice. (1998). Os marcadores discursivos *agora* e *então*, no português falado: duas orientações argumentativas em confronto. Em: *Anais do III Encontro de estudos Linguísticos de Assis*. São Paulo: Arte & Ciência. v. 1.
- RISSO, Mercedes Sanfelice. (1999). Aspectos textuais-interativos dos marcadores de abertura *bom, bem, olha, ah*, no português culto falado. Em: NEVES, Maria Helena Moura (Org.). *Gramática do Português Falado*, vol. VII. Novos Estudos. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP; Campinas: Editora da UNICAMP.
- RISSO Mercedes Sanfelice / OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline / URBANO, Hudinilson (2006). Traços definidores dos marcadores discursivos. Em C.C.S. Jubran / I.G.V. Koch (Orgs. 2006: 403-426).
- RISSO Mercedes Sanfelice (2006). Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. Em C.C.S. Jubran / I.G.V. Koch (Orgs. 2006: 427-496).
- SACKS, Harvey / SCHEGLOFF, Emanuel A. / JEFFERSON, Gail (1974). A symplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language* 50: 696-735. Tradução para o português: Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. *Veredas. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Juiz de Fora* 7 (1): 2003, 9-73.
- SAUSSURE, Ferdinand de (1917 / 1972). *Curso de Linguística Geral*, tradução de A. Chelini / J.P.Paes / Izidoro Blickstein, prefácio à edição brasileira de Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Editora Cultrix.
- SILVA, Giselle Machline de Oliveira e / TARALLO, Fernando / BRAGA, Maria Luiza (1996). Preenchimento discursivo em fronteiras sintáticas. Em: A. T. de Castilho / M. Basílio (Orgs. 1996: 193-218).
- SIMÕES, José da Silva (2006). *Gramaticalização, semanticização e discursivização do gerúndio*, tese de doutoramento, USP, em andamento.
- SORNICOLA, Rossana (1981). *Sul Parlato*. Bologna: Il Mulino.
- SORNICOLA, Rossana (1994). Quattro dimensioni nello studio del parlato. Em: T. De Mauro (a cura di, 1994). *Come parlano gli italiani*. Firenze: La Nuova Italia, pp. 111-130.
- TALMY, Leonard (2001). *Toward a Cognitive Semantics*. Cambridge / London: The MIT Press, 2 volumes.
- TARALLO, Fernando / KATO, Mary A. / OLIVEIRA, Célia Terezinha / CALLOU, Dinah Isensee / OLIVEIRA, Dercir Pedro / BRAGA, Maria Luiza / ROCHA, Maura de Freitas Alves / BERLINCK, Rosane (1990). Rupturas na ordem de adjacência canônica no Português Falado. Em: A. T. de Castilho (Org. 1990: 29-62).
- TARALLO, Fernando / KATO, Mary A. ET ALII (1992). Preenchedores em fronteiras de constituintes. Em: R. Ilari (Org. 1992: págs. 315-356).
- TARALLO, Fernando (1993). Preenchimentos em fronteira de constituintes II: uma questão de variação interna, externa, ou um caso de variação individual? Em: A. T. de Castilho, (Org. 1993: 273-314).
- TAVARES, Maria Alice / GORSKI, Edair Maria (2002). Disputa por um lugar ao sol: conectores sequenciadores na fala de Florianópolis. Em: P. Vandresen (Org. 2002). *Variação e Mudança no Português Falado da Região Sul*. Pelotas: Educat, pp. 269-292.
- TRAUGOTT, Elizabeth C. (1989). On the rise of epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change. *Language* 65, 1, 31-55.
- TRAUGOTT, Elizabeth / HEINE, Bernd (Eds. 1991). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2 vols.
- TRAUGOTT, Elizabeth C. / KONIG, Ekkehard (1991). The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. Em: Traugott/Heine (Eds. 1991, Vol. I: 189-218).
- URBANO, Hudinilson (2006). Marcadores discursivos basicamente interacionais. Em C.C.S. Jubran / I.G.V. Koch (Orgs. 2006: 497-528).

WALDROP, M. Mitchell (1993). *Complexity. The emerging science at the edge of order and chaos*. New York: A Touchtone book.